

Contra o Tempo

A entrevista do presidente Fernando Henrique Cardoso foi um alerta à nação para a gravidade dos problemas econômicos brasileiros. O Brasil experimenta momento extremamente delicado diante da vulnerabilidade de suas contas externas e de um déficit público colossal. A situação fiscal deteriora-se rapidamente e expõe o país ao risco de ataques especulativos capazes de desestabilizar a moeda e botar a perder tudo que se construiu em três anos e meio de Plano Real.

O **JORNAL DO BRASIL** tem alertado desde o lançamento do programa de estabilização – e de forma mais contundente desde o início da crise asiática, em outubro, quando o Banco Central foi obrigado a “queimar” US\$ 10 bilhões de reservas para defender a moeda – que eram necessárias reformas estruturais drásticas e urgentes para extinguir o déficit público e equilibrar as contas externas. A resistência do Congresso em aprovar as reformas custou caro à sociedade brasileira, obrigada a conviver com juros estratosféricos para evitar a saída de capital externo, reduzir a percentuais medíocres o crescimento econômico e experimentar uma aceleração perversa do desemprego.

A resposta do presidente à pergunta da diretora da sucursal do **JORNAL DO BRASIL** em Brasília, Cláudia Safatle, sobre as medidas que tomaria para reduzir o déficit público, no segundo mandato, foi incompleta. Quem quer que seja o próximo presidente da República terá de tomar medidas amargas para sanear as contas públicas. O Brasil não atravessará o próximo mandato convivendo com uma dívida que cresce exponencialmente por conta dos juros altos para financiar o déficit em contas correntes. Ou faz o ajuste fiscal, por mais

doloroso que possa ser, ou joga o país na instabilidade. Não há escolha.

A sociedade brasileira ainda não percebeu a gravidade da situação. O Congresso e os próximos governadores de estado precisam tomar ciência de que o país vive momento crucial: ou faz o que precisa fazer, com todo o ônus político, ou sucumbe ao populismo e destruirá uma estabilidade conquistada a duras penas. É isso que o presidente precisa reiterar à nação, com todas as letras e sem rodeios.

País nenhum, no mundo globalizado, sustenta-se com um déficit de 6,53% do Produto Interno Bruto. Nem a nação deve se iludir que se possam prolongar indefinidamente os efeitos de um plano econômico transitório, mas que vige como definitivo. Os primeiros sintomas de que essa situação não pode prolongar-se indefinidamente apareceram em outubro, quando para não perder mais reservas o Banco Central foi obrigado a dobrar os juros, estrangular o setor produtivo, desaquecer a economia e experimentar índices de desemprego crescentes.

Desde aquela época o **JORNAL DO BRASIL** intensificou a cobrança histórica do ajuste fiscal rigoroso e urgente. Mas nem o governo cobrou do Congresso com a veemência que cabia, nem o Congresso acreditou que a cobrança era para valer. Um acomodou-se diante das dificuldades de avançar com as reformas e outro cedeu ao canto da seireia populista, que sempre gasta mas nunca encontra meios de prover. De nada adiantou que as cabeças mais lúcidas insistissem que o país deveria passar por um vestibular a cada dois meses. Fomos mal nas provas e agora teremos de fazer a segunda época, com muito mais sacrifício.